

Filha do príncipe regente da Baviera, Teresa se dedicou à zoologia e à botânica, o que a levou a via

UMA PRINCESA NO ESPÍRITO SANTO

OBRA QUE RETRATA A PASSAGEM DA PRINCESA DA BAVIERA PELO ESTADO GANHA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Quando a princesa Teresa da Baviera passou pelo Espírito Santo, entre 26 de agosto e 13 de setembro de 1888, vivia-se no Brasil o rescaldo da campanha abolicionista que abolira oficialmente o regime escravocrata e o país avançava célere para a proclamação da República.

Oitenta anos antes, com a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro, o Brasil fora franqueado ao olhar dos estudiosos e artistas estrangeiros. Como se missionários da Ciência e da Arte, visitantes de várias origens puderam viajar pelo Brasil profundo e conviver com núcleos urbanos emergentes, documentando por meio de creions e palavras o mundo exótico que tinham sob os olhos.

No Espírito Santo estiveram muitos desses viajantes, num ciclo que, iniciado em 1816 com um príncipe, Maximiliano de Wied-Neuwied, se encerraria em 1888 com uma princesa, Teresa da Baviera (1850-1925), única naturalista do sexo feminino que aqui esteve.

Filha do príncipe regente da Baviera, Teresa teve instrução aprimorada e se dedicou aos estudos de zoologia e bo-



Mulheres botocudas do Espírito Santo no final do século XIX

tânica, o que a levou a viajar por diversos países, realizando pesquisas que lhe granjearam projeção nos meios científicos europeus. Em 1897 publicou em Berlim o livro “Meine Reise in den

brasilianischen Tropen”, narrando a viagem feita ao Brasil em 1888, quando percorreu a Amazônia e outras regiões do país.

Os capítulos XVI a XVIII descrevem sua

REPRODUÇÃO

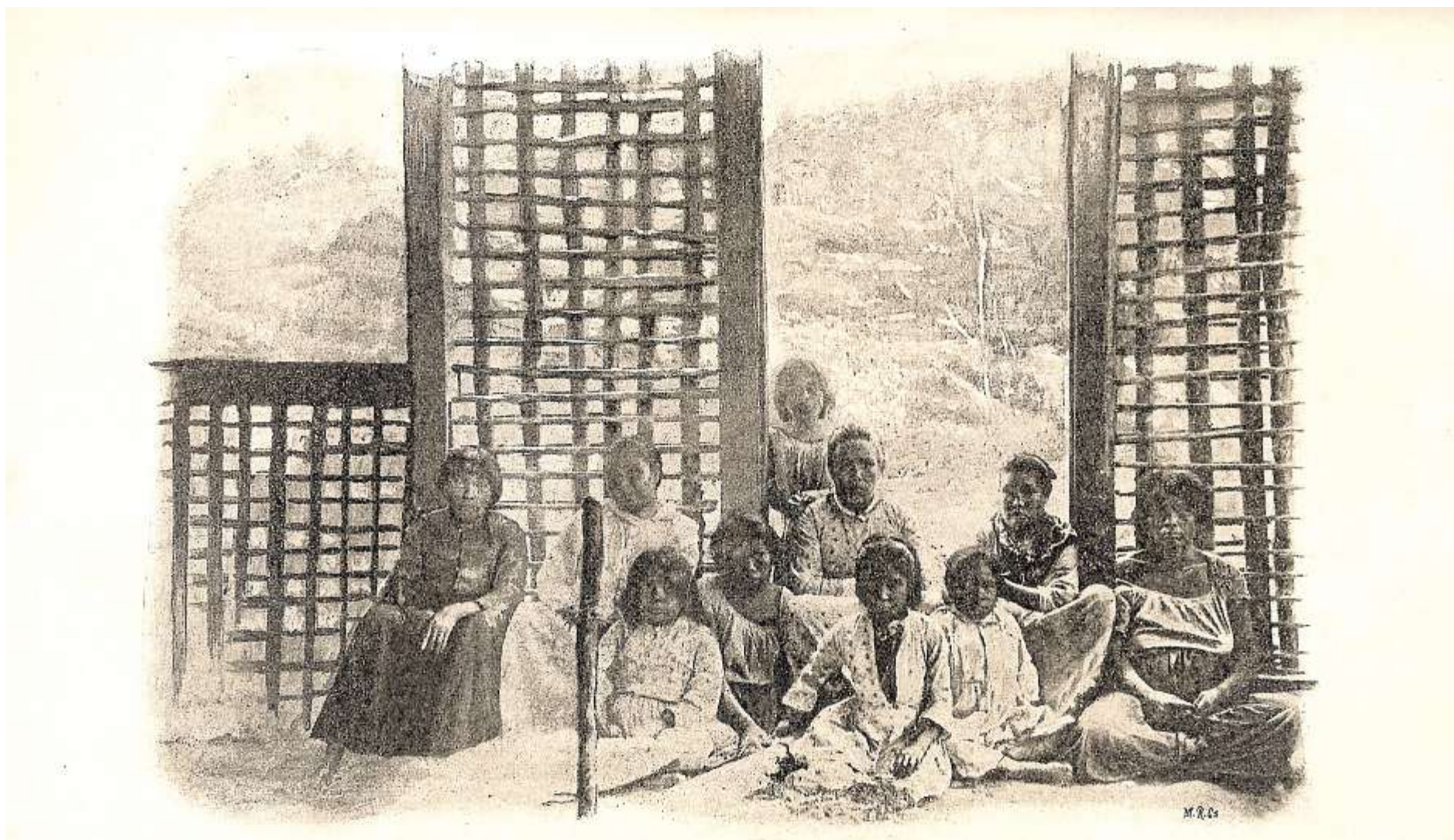
viagem de cerca de vinte dias ao Espírito Santo, interessada que estava em conhecer a mata Atlântica e os índios botocudos. Contando então cerca de 120.000 habitantes, a província ainda não se integralizara de todo em termos de povoamento e ocupação territorial. O ciclo da conquista do interior capixaba, que sucedeu a quase trezentos anos de rastejante dominação

litorânea, não se exaurira no ímpeto que o impulsionara desde a chegada do café ao vale do rio Itapemirim, no início do século XIX. A Região Noroeste do médio rio Doce capixaba mantinha-se dominada por matas e índios, um limbo geográfico fechado à colonização.

Teresa da Baviera foi espectadora do ocaso de um período da nossa história em que a ocupação territorial e o povoamento da província ainda se faziam pelas estradas líquidas dos rios. Ferrovias e vias de rodagem estavam por ser implantadas.

É, portanto, impressionante o destemor dessa aristocrata de linhagem, oriunda de um dos centros europeus culturalmente mais adiantados, ao superar, até com romantismo confesso, as adversidades das selvas, por onde se enfurnou tangida pelo >

...jar por diversos países, com pesquisas que lhe deram projeção nos meios científicos europeus



Os índios botocudos da região do Rio Doce, em retrato da própria autora do livro: ela fez duras críticas ao estado de abandono em que vivia o assentamento indígena de Mutum

➤ ímpeto científico, recolhendo a cada etapa farto material de estudo.

Sucessivas passagens do livro revelam os desconfortos, perigos e descaminhos que teve de enfrentar através das brenhas que margeavam o rio Santa Maria e da então chamada estrada de Santa Teresa, que consistia na verdade de trilhas ou picadas, para chegar à terra dos botocudos no rio Doce.

A princesa dá uma série de testemunhos dos esforços despendidos no trajeto: “O restante do grupo seguiu a esmo o caminho desconhecido em meio à escuridão de breu. Porém, subitamente, perdemos o rumo no meio de uma clareira e fomos dar num pântano.” E mais: “A trilha por onde cavalgávamos [...], mais ainda do que a que tínhamos percorrido nos dias anteriores, parecia um túnel cavado através da floresta e não um caminho feito através dela.”

Porém, não se defrontou apenas com mataria hispida na jornada. Ao longo da estrada de Santa Teresa fixavam-se, aqui e ali, embriões de colonização em que imigrantes europeus, notadamente tiroleses, venciam com afínco o ambiente hostil e inauguravam o cultivo do café. Aí ela compartilhou com os italianos, sempre hospitaleiros na recepção aos viajantes,

uma refeição tradicional de risoto com polenta, que lhe pareceu “mais saborosa que os pratos brasileiros, em geral menos nutritivos.”

O fato é que ainda se estava no raiar da conquista de um grande quinhão do território capixaba, num vale-tudo em que prevalecia o finca-pé de uma vanguarda de pioneiros que transformavam áreas virgens em sítios e fazendas. Mas foi, sobretudo, a selva – bruta, surpreendente, estupenda – que fez as honras da casa à viajante, desde as margens do rio Santa Maria às do rio Doce. Honras às quais ela correspondeu com reverência e fascínio, demorando olhares de satisfação ecológica sobre a flora e a fauna que acima de tudo magnetizavam seus objetivos de exploradora.

Ela própria não esconde, num rasgo de franqueza, que, ao passar por Santa Teresa, mais do que o vilarejo “desinteressante” foi um gambá que ocupou sua atenção. Nem por isso seu relato de viagem perde em qualidade e abrangência informativa.

Ao contrário. Nele uma profusão de pavios presta-se a estudos e pesquisas sobre o Espírito Santo num estágio histórico em que já se desenvolvia a passos comedidos rumo à sua futura

configuração socioeconômica.

Na região do rio Doce a princesa encontrou os botocudos, objetivo antropológico de sua visita. Duras foram as críticas que fez ao estado de abandono em que vivia o assentamento indígena de Mutum, criado “pelo governo com a finalidade de trazer a civilização ao encontro dos silvícolas”. A política de cooptação dos indígenas da região aos padrões da sociedade branca ainda deixava muito a desejar, em termos de cabimento, objetividade e eficácia. A rebeldia dos índios à ação civilizatória e a ojeriza dos colonos a essa rebeldia alongaram no tempo as hostilidades entre as duas partes.

Este quadro de antagonismo foi assunto de conversa entre a princesa e um velho e curtido desbravador das terras do rio Guandu. Este defendia a matança, em legítima defesa, de botocudos, que segundo ele atacavam e massacravam os colonos; Teresa elogiava as “medidas filantrópicas a favor dos legítimos donos das terras”, posição humanitária que a torna pioneira entre os defensores de grupos minoritários menos favorecidos, sobretudo indígenas.

Da cidade de Vitória, onde ela aguardou alguns dias o navio que a conduziria

de volta para o Rio, a descrição apresentada dá o tom do quadro histórico então reinante ali. Apesar de registrar que a cidade se estendia graciosa sobre o acive sudoeste da ilha, Teresa achou as casas decadentes e o calçamento ruim. Sua descrição remete à que Muniz Freire faria, ao assumir o governo do Estado em 1892: uma cidade carente de condições básicas de conforto e higiene.

Inúmeros detalhes de todo tipo alargam o horizonte informativo do relato da viajante sobre o Espírito Santo, tornando sua tradução para o português em edição bilíngüe, acompanhada de ilustrações, uma iniciativa de suma importância para a historiografia capixaba. A tradução, realizada por Ivan Seibel, data de 2010 e a publicação resulta de produção da Phoenix Cultura com recursos da Lei Vila Velha Cultura e Arte da Prefeitura de Vila Velha, conforme projeto aprovado em 2012. A organização da obra é de responsabilidade da museóloga Maria Clara Medeiros Santos Neves.

(Este texto é uma súmula da apresentação escrita para o livro “Viagem pelos trópicos brasileiros – Província do Espírito Santo”, a ser publicado ainda neste mês.)